Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



ZARAH LEANDER, a grande actriz-cantora do cinema alemão, que vimos no filme «LAR BEMDITO», onde tinha uma notável criação

2.ª SÉRIE — N.º 47 — PUBLICA - SE ÀS SEGUNDAS - FEIRAS — LISBOA, 29 DE SETEMBRO DE 1941 — PREÇO: 1$50



ESTRELAS ✱ E BICHOS

Os bonitos cães estão na moda em Hollywood. Damos nesta página três imagens que ilustram a nossa afirmação, por forma eloqüente, em especial a gravura em que vemos Maureen O'Sullivan quási completamente «ofuscada» pela imponência do cão dinamarquês «Principe Erick de Willow Run».

Wallace Beery prefere os «cockers» e os «spaniels».

Quanto a Cary Grant divide a sua ternura entre Barbara Hutton, a milionária célebre, e o seu «fox» predilecto.





2.ª série / N.º 47 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 4 8276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

29 de Setembro de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

UMA GRANDE COMPETIÇÃO INTERNACIONAL

Os resultados para 1941 da Exposição cinematográfica de Veneza

Em plena guerra, uma competição pacífica!

Dezassete países recorrem à arbitragem para resolver um pleito!

...Eis o saboroso aspecto que a *Bienal* de Veneza nos oferece neste histórico ano de 1941.

Pela nona vez, desde 1932, teve lugar a Exposição Cinematográfica de Veneza, que começou por ser bienal e se transformou em anual a partir de 1935; mas ainda hoje subsiste a primitiva designação pela qual ficou a ser conhecida: Bienal de Veneza — o único empreendimento no género que existe na Europa e que corresponderia à reünião anual da Academia Científica Cinematográfica de Hollywood, se esta deixasse de ter carácter exclusivamente nacional.

No quadro que publicamos nesta página encontrarão os nossos leitores indicação dos principais prémios conferidos para 1941.

Além dêsses foram distinguidas as seguintes produções: *Deutschen Wochenschau* (Actualidades alemãs); *A Roménia em luta contra o bolchevismo*, da O. N. C. (Roménia); *O Mar Húngaro: A Pesca no Lago Balaton*, da Magyar Filmroda (Hungria); *Pinos de Roma*, da Vela Film (Itália); *Caça pacífica com a câmara de côr*, da Terra Film (Alemanha); *Grano fra due battaglie*, do Instituto Nacional Luce (Itália); *Sosta d'ervi*, da Incom (Itália); *Ruegen, ilha do Mar Báltico*, da Terra Film (Alemanha) e *Vértigo branco*, do Instituto Nacional Luce (Itália).

* * *

Durante quinze dias êstes e outros filmes foram apresentados ao público selecto que todos os anos, em Setembro, acorre a Veneza para assistir a várias manifestações artísticas entre as quais sobressai a Exposição de Arte Cinematográfica.

Além dos países já mencionados, concorreram ao certame a Dinamarca, Eslováquia, Bulgária, Holanda, Boémia e Morávia, Bélgica, Finlândia, Suécia, Noruega e Argentina.

Por modéstia ou orgulho, Portugal não compareceu.

O júri, composto de delegados de todos os países concorrentes, foi presidido pelo Conde Volpi di Misurada, e as resoluções tomadas obtiveram a unanimidade dos votos.

TAÇA MUSSOLINI — para o melhor filme italiano:
«LA CORONA DI FERRO» de Alessandro Blasetti (Enic-Lux)

TAÇA MUSSOLINI — para o melhor filme estrangeiro:
«OHM KRÜGER» de Hans Steinhoff (Tobis, de Berlim)

TAÇA DO PARTIDO FASCISTA:
«LA NAVE BIANCA» (Scalera-Film — Itália)

TAÇA DO MINISTRO DA CULTURA POPULAR:
«REGRESSO» (da Ufa-Wien-Film — Alemanha)

TAÇA VOLPI — para o melhor actor:
ERMETE ZACCONI, pela sua interpretação em «Don Buonaparte» (Itália)

TAÇA VOLPI — para a melhor actriz:
LUISE ULLRICH, pela sua interpretação em «Annelie», da Ufa (Alemanha)

TROFEU DA BIENAL:
INSTITUTO NACIONAL L. U. C. E. — (Itália)

TAÇAS DA BIENAL:
«CARTAS DE AMOR» (Suíça) — «MARIANELA» (Espanha) — «ALTER EGO» (Hungria) — «ACUSO!» (Alemanha) — «I MARITI» (Itália)

PRÉMIOS DA BIENAL:
«NOCNY MOTYL» (Boémia) — «SWING IT, MAESTRO» (Suécia) — «O BASTARDO» (Noruega)

MEDALHA DE OURO:
«BODA EM CASTELA», do Departamento Nacional de Cinematografia de Espanha, dirigido por M. A. Garcia Viñolas

A Espanha concorreu pela primeira vez, com três filmes *Marianela*, *Sarasate* e *Esquadrilha*, e outros tantos documentários: *Boda em Castela*, *Suite Granadiana* e *La Parrala*.

Os resultados foram lisongeiros. Dos dois filmes premiados, foi exibido entre nós, no «São Luiz», a *Boda em Castela*, cuja principal característica era o hespanholismo de que informava.

* * *

De 1932 aos nossos dias, a *Bienal* tem passado por várias fases: conheceu um incontestado prestígio universal, desafiou rivalidades, sofreu vicissitudes políticas...

Em 1939 os Estados Unidos da América deixaram de tomar parte na competição, a França organizava o festival de Canes, enquanto um filme de Duvivier ganhava a Taça Bienal... A Argentina e o Uruguai apresentavam pela primeira vez obras suas. A Inglaterra concorria, à sombra da neutralidade da Itália...

A guerra não diminuiu as galas que Veneza oferece à grande competição europeia, cujo valor nos leva a deixar aqui consignados os resultados obtidos.

E se olharmos para o passado, havemos de reconhecer que a história do Cinema na última década se revela nos filmes que obtiveram um dia a Taça Mussolini: 1932 — *Viva a Liberdade*, *Raparigas de Uniforme* e *Campeão;* 1934 — *Homens de Aran* e *Tereza Canfalonieri;* 1935 — *Ana Karenina* e *Casta Diva;* 1936 — *O Imperador da Califórnia* e *Esquadrão Branco;* 1937 — *Carnet de Baile* e *Sipião o Africano;* 1938 — *Olimpíadas* e *Do mesmo sangue;* 1939 — *As Quatro Plumas Brancas*, *O Prisioneiro do Sonho*, *Robert Koch* e *Abuna Messias;* 1940 — *Sem Novidade, no Alcáçar!* e *Dunia, a Noiva Eterna*.

Voltamos ao princípio, à sala onde estão reünidos os representantes de dezassete nações a dar o devido aprêço aos méritos de cada uma...

Como teriam êles estabelecido uma unanimidade de vistas sôbre o problema!

Assim se transferissem os mesmos saudáveis propósitos, do plano da arte cinematográfica para outro mais vasto: o da arte... de governar os povos.

A. DE CARVALHO NUNES

PANORÂMICA

HENRI CHOMETTE †

Faleceu há dias na Argélia o irmão de René Clair, que dedicara também tôda a sua vida ao cinema. Henri Chomette fez-se notar naquela época em que o «cinema abstracto» estava na moda, lançada na Alemanha por Walter Ruttmann, morto também êste ano. Em França, Léger, Germaine Dulac e outros faziam «filmes de vanguarda». Entre êsses outros distinguiu-se Henri Chomette, especialmente com os seus ensaios cinematográficos: «Jeux des Reflects et de la Vitesse», «A quoi rêvent les jeunes filles» e «Cinq minutes de cinéma pur», realizados entre 1920 e 1924.

Pouco depois, Chomette deixava os malabarismos do «cinema abstracto» para se dedicar à produção corrente.

Dirigiu vários filmes, entre os quais «Le Réquin», com Albert Préjean, mas preferiu dedicar-se à produção. A sua actividade nesse sector teve lugar principalmente na Alemanha, onde colaborou, como auxiliar categorizado de Raoul Ploquin, em quási tôdas as versões e produções originais em língua francesa realizadas nos estúdios germânicos.

Henri Chomette merece tôda a nossa simpatia, porque foi um trabalhador incansável e porque nunca procurou viver à custa da fama do irmão, mas antes, e sempre, por si, pelo seu esfôrço e valor próprio. E é de notar que não o fazia por não se dar bem com o irmão. Eram até muito amigos. Henri Chomette pôde ainda demonstrá-lo recentemente, pois foi em virtude dos seus esforços teimosos e persistentes que a nacionalidade francesa foi restituída a René Clair — como êle tanto desejava.

COMEÇOU A TEMPORADA 1941-1942

Começou a temporada 1941-42 com a estreia de «O Pai Tirano» no Eden e a reabertura do Tivoli, do S. Luiz, do Odeon e do Palácio. Tudo indica que a nova época nada ficará a dever em brilhantismo à anterior, bem pelo contrário.

Quanto à programação anunciada pelas firmas distribuidoras — é de fazer crescer água na bôca! Por outro lado, pode-se já garantir que pelo menos boa parte dêsses filmes será exibida em condições mais favoráveis do que as da última temporada. Assim, o Tivoli ampliou o seu *écran* e melhorou a sua projecção; não pôde torná-la ainda impecável, mas lá chegará. O caso é que com o écran aumentado e com novas lentes, nas máquinas, os filmes já fazem outra vista! O S. Luiz também beneficiou a sua projecção, e além disso instalou aquecimento na sala e inaugurou no átrio um magnífico jôgo de lustres e uma admirável passadeira de Beiriz na escada que conduz aos camarotes. Quere dizer: os exibidores de Lisboa não esquecem o que devem ao seu público. Há que louvá-los por isso — e há que felicitar os cinéfilos pelas boas perspectivas que a nova temporada oferece!

DOMINGOS MASCARENHAS

A partir do próximo dia 9 de Outubro, fará a crítica cinematográfica ao microfone da Emissora Nacional o nosso camarada de redacção dr. Domingos Mascarenhas.

A competência crítica de D. M., largamente confirmada em muitos anos de actividade jornalística, indicavam-no naturalmente para ocupar um lugar de tanta responsabilidade como o que lhe é agora entregue.

Domingos Mascarenhas começou a es-

(Conclui na página 12)

Exigências de mau pagador

Quando um autor, maltratado pelo azedume da crítica e pela indiferença do público, procura justificar os motivos que provocaram as deficiências apontadas na sua obra, é costume dizer-se que os argumentos que êle invoca para atenuar o mau efeito produzido são — desculpas de mau pagador.

O público não quere saber de desgraças. Não colhem junto do seu egoísmo insaciável as mais respeitáveis razões, desde que elas provenham dum fracasso. As coisas são como são — e isto é assim mesmo, aqui e em tôda a parte. É portanto inglório e inútil pretender contrariá-las.

Aproveitemos porém o ensejo raríssimo que um êxito patente nos oferece para falarmos duma atitude não menos inconveniente e despropositada que a dos autores recalcitrantes, e que essa é peculiar e exclusiva da nossa gente: as exigências de mau pagador.

— Comer e dizer mal é pecha de Portugal — ouvimos nós sempre apregoar, desde que nos entendemos.

Um anexim não nasce por acaso: é produto natural da sabedoria do povo, fundamentado na experiência de muitas gerações. Quem inventou o que citei sabia o que dizia. E não foi seguramente por acaso que o povo o reteve e propagou.

Se outros e abundantes exemplos não houvessem a confirmá-lo com rotundidade, bastaria o que se passa com o Cinema Português para legitimar a existência do rifão.

De facto, é desconcertante a atitude de muitos dos meus prezados compatriotas perante o esfôrço considerável, por vezes heróico, dispensado por meia-dúzia de carolas de há longos anos a esta parte, para que exista, através das condições mais precárias e desanimadoras, uma produção cinematográfica portuguesa.

Porque nunca será demais sublinhar esta indiscutível verdade: o cinema é uma indústria de luxo, a mais dispendiosa e complicada de tôdas as indústrias de luxo, apanágio, por conseqüência, dos povos ricos. Todos os materiais que entram na confecção dum filme são caríssimos; o trabalho exigido a cada um dos seus colaboradores é de tal ordem que tem que ser bem pago; as contingências técnicas e artísticas que rodeiam a confecção dum filme são tantas e de tal natureza, que é impossível responder conscientemente pelos resultados antes de se ver a obra feita. Enfim, para sintetizar tudo isso numa frase que nos é grata: o Cinema não é para pelintras...

Pois não há dúvida que apesar disso, tem sido possível realizar em Portugal uma série de filmes que não nos envergonham, muito pelo contrário. Êsses filmes, por serem falados em português e tratarem «à portuguesa» assuntos portugueses, encontram junto do público uma audiência sempre superior a qualquer filme estrangeiro, o que é sintoma consolador, pois demonstra o seu forte poder nacionalizante. Os resultados materiais obtidos na grande maioria dos acasos animaram alguns produtores a encarar a sério a produção contínua, e a pô-la de pé sem grandes dificuldades, à fôrça de juizo e de confiança. O panorama actual da cinematografia portuguesa desenha-se em traços nítidos e firmes, com um vasto horizonte de possibilidades aberto diante de si.

Mas nada disso é bastante para fazer desistir os maldizentes, nem para obrigar os próprios cinéfilos a abandonarem estalões impossíveis, comparações insustentáveis e funestas.

Senão, reparem: mesmo quando uma fita agrada em cheio, não falta quem diga assim: — Não está nada mal, não senhor; mas vamos a ver quando é que nós fazemos uma fita como aquelas que se fazem lá fora.

É a isso que nós chamamos — exigências de mau pagador...

Porque o nosso público não tem nunca a noção das proporções, nem a consciência da sua própria escala. Esquece-se que as fitas que se fazem «lá fora» têm diante de si um mercado de muitos milhares de cinemas, apinhados, de manhã à noite, de milhões de espectadores — e que as nossas são feitas a contar com duzentos e poucos cinemas, oitenta por cento dos quais só dão espectáculo duas vezes por semana. Esquece-se que as fitas que êle vê feitas «lá fora» custam em média UM MILHÃO DE DÓLARES, ou sejam 25 mil contos, e que as nossas, se não querem arruïnar instantâneamente o capitalista, têm que custar TRINTA VEZES MENOS. Esquece-se que paga, na estreia, o seu bilhete por três a dez escudos, e que lá fora, a entrada para um cinema que recebe, por dia, CINCO VEZES MAIS PÚBLICO, custa duas, três e até quatro vezes mais. Esquece-se que a receita que um filme português pode fazer em Portugal, Ilhas, Colónias e Brasil em TRÊS ANOS de exploração é incomparàvelmente inferior à receita de UMA SEMANA num grande cinema de Nova Iorque!

Em resumo: paga pouco e exige muito, come e diz mal...

E o mais impressionante é saber que os que dizem pior são aqueles que nunca pagam o seu bilhete, os que vão «de borla»...

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

A PÁGINA DOS NOVOS

A PERSONALIDADE DUM REALIZADOR

Nós sabemos, é difícil impor artistas, falar em arte num país onde — como diz Gaspar Simões, hoje reina o snobismo da vulgaridade.

As platéias de cinema — é também caso sabido — acusam uma tendência manifesta para o frívolo e para o fácil. Mas a par dessa maioria, indiferente a tudo que não seja passar a noite e mostrar «toilettes», existe acentuado desenvolvimento artístico entre as novas camadas freqüentadoras dos cinemas. Pequena falange, é certo, mas quem acompanha de perto, tudo quanto ao cinema diz respeito, nota com alvoroço o interêsse artístico que essa minoria revela.

O exibidor não pode mostrar-se insensível a ela, o crítico não pode ignorá-la, porquanto é filha da evolução progressiva do cinema. O culto do ídolo, tende a ser substituído pelo culto do artista. A evolução da técnica do cinema, foi acompanhada pela elevação artística dos elementos que nela trabalham.

Criou-se uma arte distinta, essa arte manifesta-se, desde o realizador ao intérprete.

Em breve a arte cinematográfica será realizada e interpretada sòmente, por elementos nascidos dentro do próprio cinema.

As diversas formas de realizar, as diferentes tendências da interpretação, constituem já hoje tradução fiel das leis artísticas pelas quais o cinema se rege.

E assim, nada admira que o ídolo não represente amanhã, sòmente a figurinha que se idolatra, mas conjuntamente o artista que se venera.

O realizador que amanhã terá mais adeptos não será o que mais transija com as platéias, mas aquele que mais as faça vibrar pela verdade e humanidade que imprimir às suas produções.

A marcha evolutiva do cinema será assim acompanhada pelo aumento das capacidades apreciativas das platéias.

Aquele que tem os seus interêsses ligados ao cinema não pode esquecer esta verdade.

Os seus processos de propaganda tem de ser modificados. A organização dos seus espectáculos têm de acompanhar o ritmo do progresso cinematográfico. Têm de lançar os verdadeiros artistas do cinema. Tem de lhes ir criando público, rasgando assim o horizonte, para as novas tendências cinematográficas.

Vem isto a propósito do recente insucesso de «A Insubmissa», o explêndido filme de William Wyller.

Não é infelizmente caso virgem a quebra de um bom filme. A isto não nos referiremos por ser caso trivial.

O que queremos acentuar é o insucesso de quási todos os filmes de Wyler (exceptua-se «O Monte dos Vendavais).

O que queremos frisar bem é que William Wyler é um ilustre desconhecido entre a maioria dos freqüentadores das casas de cinema. Todavia êle representa na arte cinematográfica um dos seus maiores valores.

E esta ignorância, originada pelo deficiente espírito artístico que orienta a «réclamação» dos filmes, é tanto mais indesculpável, porquanto as obras de Wyler não são de modo algum produções de difícil assimilação por parte das platéias.

Temos o caso de «O Monte dos Vendavais». Êste filme não é mais, nem menos comercial que qualquer filme de Wyler. Pois apesar disso atingiu o tal *mínimo*, que garantiu a exibição em 2.ª semana no cinema de estreia, e triunfou nos cinemas de «réprise».

Mas se o filme triunfou, o nome de Wyler continuou desconhecido. Nada se fez por elevá-lo, por engrandecê-lo.

Porque se apresenta um filme várias semanas no cartaz, sòmente para lançar uma nova *vedeta*, e não se fará o mesmo para chamar a atenção do público, sôbre o valor de quem sòmente tem dirigido obras valiosas de cinema?

O único realizador que tem público de verdade, é Frank Capra.

Mas êste, já o dissemos, impôs-se a si próprio. A sua forma de descrever, vai de tal maneira ao encontro das platéias, que mesmo através da desorientação e do destrambelhamento como os filmes são lançados, êle domina, arrasta e convence.

William Wyler tem de ser impôsto. Não porque a sua arte seja menor, mas porque a sua personalidade é diferente.

Wiler talvez não seja o realizador, por excelência, das multidões. Mas é um artista puro.

A sua arte é timbrada pelo desejo de servir a ela própria.

Quando trata dos seus casos, fecha-se no ambiente da sua arte. Não se afasta dela, não procura gostos nem predilecções. Não conhece comercialismo. Realiza como sente, como idealiza, como a sua arte dita.

William Wyler não é um autómato é um criador.

Os seus filmes são casos que se estudam através das situações criadas pelo carácter dos protagonistas, que se resolvem como a razão manda, e não como a vista deseja.

Casos sérios, em filmes sérios, onde a verdade impera, o realismo convence e o sentido cinematográfico uniformisa numa ânsia enorme de coligar o belo com a verdade, num desejo veemente de que o cinema tire dêsses casos o máximo efeito, para melhor os demonstrar, nunca para servir-se dêles, metamorfoseando-os ou convertendo-os segundo as tendências de cada qual.

Os «clous» dos seus filmes, residem no entrechocar dos sentimentos que se descrevem.

O último diálogo entre Fran e Dodsworth em «Veneno Europeu»; a cena da confissão de Rosalie em «Três corações iguais»; a volta do gangster e o repudiamento pela mãe em «Ruas de New York»; o encontro de Heathcliff e Catarina nos rochedos, em «O Monte dos Vendavais»; o diálogo entre Bette Davis e Margareth Lindsay em «Jezebel»; não são verdadeiros «clous» de emotividade?

É na análise profunda dos casos íntimos obtida pelo contraste entre os diferentes personagens que a acção se vai desenrolando.

E, por vezes, a minúcia do espírito de observação é tal, tão convincentes e humanas são as situações estabelecidas pelo conflito travado entre caracteres diferentes, que nos esquecemos do espectáculo para vivermos cada caso, como se êle fizesse parte do nosso íntimo, ou para ligá-lo a factos reais observados.

Estabelece-se assim uma ligação entre o fictício e o real. E é nessa aproximação com a vida, que talvez exista a separação entre Wyler e as nossas platéias de cinema.

Todavia, os filmes de Wyler, repetimos, não são obras que obriguem a uma cultura especial do

(Conclui na página 12)

É BING CROSBY

apreciado em Portugal?

Saber se Bing Crosby, o simpático «singer» americano, é ou não apreciado em Portugal, não é tarefa difícil. Basta ver como os seus filmes têm passado em Países onde o Cinema é já uma coisa grande e sólida, e comparar com a passagem dêsses mesmos filmes entre nós, mais ou menos despercebida, sem que ninguém dêles fale. E, no entanto, Bing Crosby é dos mais populares artistas da Rádio e do Cinema da América do Norte.

Num inquérito feito nos U. S. A. a 15.000 exibidores, sôbre os artistas mais rendosos durante o ano de 1940, Bing Crosby ficou classificado à frente, por exemplo, de Bette Davis, de Deanna Durbin, de Judy Garland, de Robert Taylor, de Gary Cooper, de Wallace Beery, etc. Isto num país onde provavelmente se percebe um poucochinho mais de Cinema do que em Portugal... Não queremos dizer com isto que Bing seja mais artista que Bette Davies ou Gary Cooper, mas, factos são factos e contra factos...

Há quem diga que o único valor de Bing reside na sua voz. Não é verdade. O famoso «crooner» tem, realmente, como principal atractivo, não bem a sua voz, mas, mais pròpriamente, a sua maneira de cantar, a interpretação que dá às suas canções.

Não vamos até ao ponto de dizer que Bing seja um grande intérprete de filmes, mas a verdade é que podemos ouvi-lo, muitas vezes, pela Rádio, na mesma canção, que, quando formos ver o filme a que ela pertence, lhe achamos qualquer coisa de novo, de expressivo, que só o Cinema nos pode dar.

De resto, os americanos tinham-no classificado como cantor n.º 1 da Rádio do seu país, e, apesar disso, êle conseguiu triunfar no Cinema como na Rádio, sem alcançar, naquele, o lugar que tinha nesta, e, isso é natural, talvez só, porque os filmes de Bing são restritos em todos os campos, sob o ponto de vista cinematográfico.

É difícil de compreender o facto de em Portugal se «ligar» tão pouco aos filmes de Crosby, e muito mais difícil o de o terem pateado há pouco anos, no Politeama, quando, salvo êrro, aqui se exibiu o seu primeiro filme.

É preciso que o público se convença de que, se os filmes de Bing não são enormes maravilhas, nem filmes de profundas teses, são excelentes e risonhas comédias, cheias de melodias lindíssimas, e que, não gostar das canções que Bing interpreta é, pelo menos, sinónimo de péssimo gôsto.

Lembra-nos a estreia, no Condes, de «Pennies from heaven», com o impróprio título de «Tudo a cantar». O público, que não abundava, bocejou e conversou durante o espectáculo, e mal êste acabou saiu quási com alívio. Ora é digno de quem perecebe alguma coisa de Cinema e tenha um pouco de bom gôsto, fazer isto? — Parece-nos que não.

«Pennies from heaven» era um filme razoável, com trechos bonitos de música (um dêles o que dava o nome à fita), uma intervenção formidável de Louis Armstrong, e em que Bing Crosby vivia um interessante personagem: o último dos trovadores. Apesar disso o público não gostou e aquele filme não teve o menor êxito.

Mais recentemente, passou no mesmo écran, uma fita que continha excelentes condições de agrado, «The star maker», e o público parece que já não se aborreceu.

Vêm agora aí mais filmes de Bing, um dos quais é o «Rhitm on the river» que inclui a célebre canção «My heart belongs to Daddy»; veremos, quando êles por cá aparecerem, se o público já se habituou a decorar as canções criadas por Crosby, e a ir vê-lo cantá-las. Se isso acontecer, poderemos dizer que diminuiu o número de «botas-de-elástico» e aumentou o de pessoas de bom gôsto, cinéfilo ou não.

M. R. R.



JANE WITHERS

A ex-menina rabina que é hoje uma encantadora rapariga encontra-se contratada pela FOX. Possìvelmente veremos nesta época JANE WITHERS em alguns filmes desta casa produtora


A vida é um film...
filmar é revivê-la,
em absoluta realidade,
eternamente.....
Imprima movimento, acção, ritmo, aos vossos documentários fotográficos — e terá, assim, a «vida» tal qual ela decorre em cada instante. Um «Ciné Kodak Oito» tudo regista com facilidade, sem perda dum só pormenor. Milhares de pessoas em todo o Mundo têm já o seu «Ciné Kodak Oito» e estão obtendo os melhores resultados. Filmar constitue para elas uma das melhores diversões.
Não perca mais tempo. Adquira já o seu «Ciné Kodak Oito», filme os grandes momentos da vida, e, assim, revivê-la-á eternamente.
Ciné-Kodak 8
O aparelho de filmar para toda a gente
KODAK, LIMITED — 33, Rua Garrett — LISBOA.

NOTÍCIAS DA EUROPA

ALEMANHA

A UFA acaba de produzir novos filmes

Nos estúdios da UFA, a poderosa emprêsa produtora alemã, termina-se o programa de produção da época corrente, estando em preparação já o plano do novo ano, que segundo informações daquela casa, muito em breve será tornado público.

Assim entre os filmes recentemente concluídos nos estúdios, mas, saídos já dos laboratórios, outros, contam-se os que vamos enumerar sucintamente.

Zarah Leander, o nome mais categorizado do elenco da emprêsa de Neubabelsberg, foi a intérprete do filme DER WEG INS FREIE (Caminho da Liberdade) cuja acção se passa em 1850, em que ela desempenha o papel de uma grande cantora que tudo sacrifica à sua arte, uma figura que, ao que se diz, se quadra perfeitamente ao seu talento e à sua personalidade. Hans Stüwe, Siegfried Breuer, Julia Serda e Jakob Tiedke. Ralf Hansen foi o realizador.

...REITET FÜR DEUTSCHLAND (Cavalgando pela Alemanha), cujo enrêdo foi inspirado pela carreira do grande cavaleiro alemão criador de cavalos de puro sangue, Barão Von Langen que tomou parte na outra guerra. Neste filme, dedicado à sua memória e dirigido por Arthur Maria Rabenalt, Willy Birgel é o protagonista, Gerhild Weber, uma jovem actriz de teatro que se estreia no cinema, é a sua «partenaire».

Um outro filme, êste de pura propaganda política ANSCHLAG AUF BAKU (Atentado em Baku) saiu há pouco dos *ateliers*. Nele Willy Fritsch e Fritz Kampers representam as personagens de um tenente e dum sargento alemães que combatem as tentativas inimigas de sabotagem nos campos petrolíferos de Baku, agora tão em evidência. Lothe Koch e René Deltgen são os dois outros intérpretes do filme. Fritz Kirchhoff foi o seu realizador.

Também se encontram já concluídos: o filme de exaltação da aviação de guerra alemã STUKAS que Karl Ritter dirigiu e que Carl Raddatz, Marina Von Ditmar, Ilse Knott, Albert Hehn e o grande actor Paul Wegener; e o que se intitula HEIMKEHR (Regresso ao lar) dirigido para a Wien Film por Gustav Ucicky e interpretado por Paula Wessely, Peter Petersen, Atilla Hörbiger, Carl Raddatz, Otto Wermicke e Gerhild Weber.

Se é sócio do «Clube do Animatógrafo» deve assinar «ANIMATÓGRAFO».

O CINEMA EM INGLATERRA

«Spitfire» um filme-biografia do autor dos conhecidos aviões de guerra ingleses

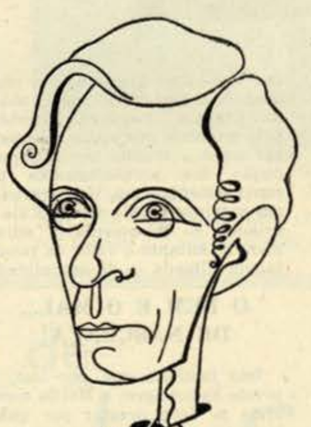
Numa das nossas últimas páginas da Europa falámos já das importantes somas que as emprêsas americanas têm congeladas em Inglaterra, e dissemos, também, a maneira como até certo ponto essas mesmas companhias estavam recuperando êsse dinheiro. Entre as várias formas de aplicação dessas importâncias contava-se o financiamento de filmes realizados em Londres, filmes que depois são explorados na América e em muitos outros países por conta das casas americanas. Daí o nível técnico e artístico que grande parte dos filmes feitos em tais condições acusam.

Entre os filmes mais importantes que presentemente os estúdios ingleses têm em produção, conta-se um feito nessas condições, e é Samuel Goldwyn que, associado à General Film Distributers, o está produzindo.

Intitula-se «Spitfire» e é uma biografia cinematográfica do inventor R. J. Mitchell, que traçou os planos dos conhecidos aviões de combate ingleses daquele tipo. Escrito por Henry C. James com «scenario» de Miles Malleson, o argumento ocupar-se-á da vida daquele notável engenheiro e técnico de aviação, durante os últimos vinte anos da sua vida, pois Mitchell morreu no início da «batalha da Inglaterra».

Leslie Howard, cujo último filme, «Pimpernel Smith», foi há pouco estreado, será o realizador de «Spitfire» que tem por subtítulo «The First of The Few», o qual desde há muitos meses trabalha e estuda êste filme.

A figura do inventor foi primeiramente destinada a Laurence Olivier; mas o intérprete de «Orgulho e Preconceito» não quis aceitar tal convite, preferindo continuar na Aviação Naval, onde desde que chegou a Inglaterra se encontra. Por isso Leslie Howard terá a seu cargo, além das funções de realizador, a interpretação daquele personagem, tomando parte igualmente no filme o conhecido actor David Niven, que como se sabe desde há meses que deixou Hollywood para vir servir no seu país.



★

Leslie Howard

A par de «Spitfire», nos estúdios londrinos prossegue a realização de vários outros filmes de que vamos dar sucinta notícia.

● Foi já apresentado o filme de propaganda DANGEROUS MOON LIGHT, cuja acção decorre na Polónia e que tem por intérpretes Anton Walbrook Sally Gray e Derrick de Marney. É uma produção inglesa da RKO.

● Um outro filme recentemente concluído é THE FARMER'S WIFE, nova versão da peça de Eden Philpotts, e de que há anos vimos no Tivoli a primeira versão, inglesa também, que era um filme deveras notável. Dirigiram-no agora Norman Lee e Leslie Arliss para a Pathé e interpretam-no Basil Sindey, no protagonista, Wilfrid Lawson, Viola Lyel, Bethy Warren, Emid Stamp-Taylor, Nora Swinburne e Bunty Payne.

● THE MAN AT THE GATE, extraído do poema de Miss E. Haskins, um filme da vida tìpicamente inglesa, é interpretado por Wilfrid Lawson, Mary Jerrold, William Freshman e Kathleen O'Regan. Norman Walker foi o realizador do filme.

● Já foi estreado o filme LOVE ON THE DORE, dirigido pelo realizador John Baxter, segundo a peça de Ronald Gow, tirada por sua vez da novela homónima de Walter Greenwood tendo por intérpretes Deborah Kerr, hoje em grande evidência no cinema inglês, Clifford Evans, Mary Merrall, George Carney, Joyce Howard e Frank Cellier.

FRANÇA

A nova produção dos estúdios franceses

A produção francesa continua, apesar das dificuldades que os homens de cinema encontram no seu caminho e que não têm permitido ao cinema, tanto duma, como de outra zona, caminhar com aquela desenvolvutura que todos os admiradores do Cinema de Além Pirineus, e das suas personalidades ambicionariam.

Mais elementos sôbre alguns filmes novos de França vão ser publicados a seguir.

● Sessue Hayakawa, o conhecido actor japonês que outrora chegou a ser uma das mais altas figuras do cinema americano e que desde há alguns anos vive em Paris é o principal intérprete do filme PATROUILLE BLANCHE, que sob a supervisão de Leon Mathot, Christian Chamborant vai dirigir. Nesse filme, de ambiente policial, tomam parte também Junie Astor, o próprio Leon Mathot, Lucien Dalsace, Claude May, Roger Legris e Paul Azaïs.

● Para o filme LA SYMPHONIE FANTASTIQUE, que o conhecido realizador Christian Jaque, o qual há pouco terminou «Le Premier Bal» com Marie Déa, Raymond Roulean e Ledoux, vai dirigir foram contratadas três orquestras com cêrca de mil e duzentos músicos. Naquele filme, que será uma biografia de Berlioz, o actor Pierre Fresnay viverá a figura do grande músico.

● Viviane Romance, que foi antes da guerra uma das mais populares e bem pagas vedetas, é a intérprete do filme de Edmund T. Greville UNE FEMME DANS LA NUIT em que intervêm também Claude Dauphin, Felix Oudart, Lydie Vallois, Michèle Olivier, Jacques Tarride e Marion Malville.

● O encenador Pierre-Jean Ducis começou a dirigir o filme RETOUR de que são protagonistas Susy Prim, René Dary, Jules Berry e Jean Daurand.

CURIOSIDADES DA HISTÓRIA DO CINEMA

Alguns traidores houve algumas vezes...

...entre os herois da reportagem filmada

Por FERNANDO GARCIA



Méliès não tinha visto mais do que os primeiros metros das fitas que Lumière projectou na sua célebre sessão nas caves do «Grand-Café». O êxito continuava entre a assistência que estava a ver a «Baignade en Mer» enquanto Méliès, de volta de Lumière, lhe oferecia cinqüenta mil francos, a sua casa, a sua família, tôda a sua fortuna para comprar a invenção. Lumière não vendeu, inflexível mas garantiu a Méliès que o fazia por ter a certeza que o seu invento não passava duma mera curiosidade mas sem nenhum futuro comercial. Méliès não acreditava e, claro, era êle quem tinha razão. Porque Méliès tinha sido tudo, industrial mecânico, desenhista, director dum teatro, caricaturista e inventor. E dominando tantas coisas logo que viu as primeiras imagens filmadas Méliès foi assaltado por tudo que, como espectáculo, podia obter do Cinema. Assaltado também pelo interêsse que podia representar para o mundo ver a reprodução dos acontecimentos tal como aconteceram, fotografados em movimento. Se não foi êle o criador do documentário adivinhou no entanto o valor da reportagem filmada — da actualidade.

O BEM E O MAL... DE NASCENÇA!

Isto justifica que, por isso, se preste homenagem a Méliès como, aliás se deve prestar por quási tudo que existe em linguagem de Cinema. Mas prestada a homenagem não se deixe de dizer que Méliès pensou as actualidades já «atraiçoadas», pensou as actualidades em que os acontecimentos eram por êle fabricadas como certas mobílias da época mandadas fazer por novos ricos.

Para isso, um dia, deu Méliès o primeiro passo gigantesco inventando, para fazer a vontade a um tenor que não queria cantar ao ar livre, um... «estúdio»! E desde que existiu o «estúdio» começou o perigo de não ser preciso ir conquistar a reportagem através de perigos, através de trabalhos, para obter o documento autêntico.

OLHAR À VOLTA PARA APRENDER

A técnica de Méliès não era diferente da de qualquer outro triunfador: olhar à volta para aprender.

Curtido em todos os ofícios, tendo enfrentado tôdas as multidões, Méliès olhava à volta. E olhar não custa... custa é saber ver! Mas Méliès hábil prestidigitador via bem e agia depressa. Olhando à volta via o êxito que as gravuras dos acontecimentos célebres produziam, como os postais ilustrados se consumiam e como os retratos nos jornais aumentavam as edições. O mais concorrido espectáculo do tempo conseguia ser um museu de figuras de cêra pela sugestão de realidade com que apresentavam reconstituïções de acontecimentos autênticos.

E se dessem ao público os próprios acontecimentos autênticos... embora «reconstituídos»!?

Hábil demais para se embaraçar com tão pouco Méliès lançou mãos a um ensaio com o assunto que considerou sensacional. Reproduziu a seu bel-talante todos os episódios do caso Dreyfus. O êxito foi retumbante e a concorrência também.

O REI QUE SE VIU... SEM SE VER!

Méliès porém tinha elementos para «esmagar a canalha». Tinha o talento cinematográfico primeiro. Tinha depois o treino das suas fitinhas.

Contratado pela firma inglesa Warvick, Méliès trabalha afincadamente e apresenta a primeira grande reportagem falsificada: «A Coroação de Eduardo VII».

Tudo tinha sido montado em Montreuil. Guarda-roupa assim e figuração tamanha jàmais se vira no Cinema. Mas era tudo desoladoramente falso. Todavia Sua Majestade gostou muito «de se ver» e de ver a «sua coroação! Daí o sucesso, sucesso que depois se repetiu em benefício doutras traições à causa das actualidades, enquanto no mar, nos desertos, nas cidades, nos climas mais estranhos os verdadeiros caçadores de imagens já iam escrevendo a sua epopeia.

FALSIFICAÇÃO FORÇADA PELAS AUTORIDADES

Conceda-se, porém, um relativo perdão a alguns que tentaram fazer certo e honesto mas não puderam... por imposição das autoridades. Passou-se na América, em 1897 quando a Espanha estava em guerra com os Estados Unidos. Numa só noite, na noite de exaltação das primeiras vinte e quatro horas depois da declaração de guerra, nos terraços do Morse Building, tinha-se feito uma fita: «Abaixo a Espanha». Fora um «record» coisa muito ao gôsto dos americanos. Mas foi também um negócio rendoso porque o público afluiu em grandes quantidades. Os produtores entusiasmados sentiram o filão e quiseram explorá-lo.

Justiça lhes seja feita porque quiseram honestamente trabalhar enviando a Cuba operadores para filmar cenas de verdadeiros combates.

Tão estranhos maquinismos como eram as máquinas de filmar impressionaram os generais. E os nossos homens foram expulsos por suspeitos.

PIOR QUE O ROSSIO NA BETESGA

Aconteceu então que um americano, o operador Amet fez pior do que meter o Rossio na Betesga e bateu outro «record». Enfiou o Oceano numa banheira, nem mais nem menos.

Porque o filão não se podia perder e uma vez que em Cuba não se podia filmar, Amet, o tempo que devia estar exposto às balas começou a fazer barquinhos de cortiça, papel e madeira. Quando tinha miniaturas dos barcos de guerra da esquadra espanhola do almirante Cervera, arranjou na sua banheira o naufráfio diante de Santiago.

Para êle foi uma brincadeira.

Para os exibidores foi «uma brincadeira que rendeu fortunas.

Para os espanhois foi uma espiga e uma gaffe porque se o Cinema estava na infância, nisto de conhecer os truques do Cinema os estranhos à arte não tinham sequer nascido. Diante do acto heróico da sua esquadra, afundando-se galhardamente diante de Santiago, os espanhois curvaram-se comovidos. E conta Ferri-Pisani que guardaram piedosamente nos seus arquivos militares o «documento da sua existência e da valentia da sua esquadra.

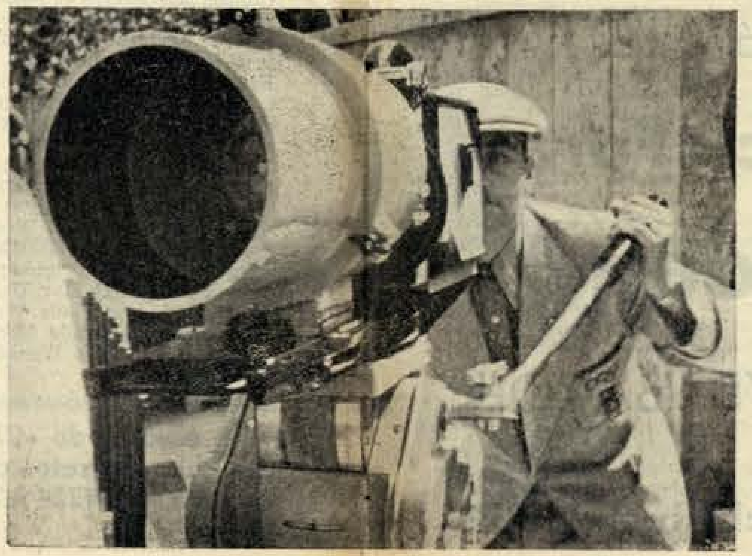
NECESSIDADE COMERCIAL E DE PROPAGANDA

Continuaram as falsificaçoes completas, premeditadas, continuaram as falsificações forçadas daquelas que realizou Amet na sua banheira; continuaram os sacrifícios heróicos dos que morreram para filmar um combate, para filmar um incêndio, para roubar à eternidade um momento que só o Cinema seria capaz de agarrar.

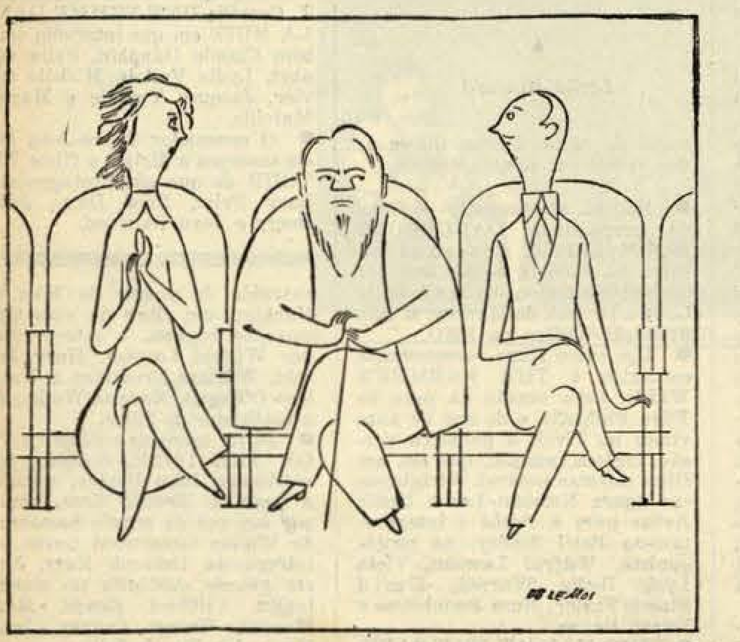
Necessidades comerciais obrigarem as firmas a «inventar» acontecimentos para forjar «jornais sonoros» que os cinemas de todo o mundo devoravam à razão dum por semana, pelo menos.

Necessidades de propaganda obrigavam a forjar paradas e manifestações, desfiles de armamento e exercícios de esquadra. Sôbre um «écran» de transferência, de costas para a objectiva, vimos Gamelin passar «revista» a «uma grande parada». E vimos coisas piores. Manobrado de má-fé o Cinema iludia.

Salvam a honra os que continuam a lutar e a morrer para com a sua câmara conseguirem reportagens autênticas dos momentos mais sensacionais, mais invulgares, mais emocionantes da vida do mundo.



TÍTULOS ILUSTRADOS



O Pai Tirano



ECOS DA IX BIENAL DE VENESA:
Uma bela imagem do filme «La Carona di Ferro», de A. Blasetti, que ganhou a Taça Mussolini destinada à melhor produção italiana

As filmagens de "O Pátio das Cantigas" em plena actividade

Conforme anunciámos no nosso passado número estão em plena actividade as filmagens da segunda película das «Produções António Lopes Ribeiro». O Cinema Português continua assim, o caminho traçado e começa a convencer até aqueles que durante mais tempo e mais teimosamente insistiram em conservar-se cépticos diante das suas possibilidades enquanto outros batalhavam por uma realidade que enche de esperanças os que querem um Cinema nosso.

Nos anexos ao Estúdio da Tobis ao lado de algumas construções que, ainda há dias, se utilizaram em «O Pai Tirano» e se conservam capazes de servir, erguem-se agora novos cenários, ou melhor um cenário mas de grande complexidade e também de grande pitoresco. É ali o «Pátio das Cantigas» onde vão viver algumas das mais curiosas figuras do burgo lisboeta interpretadas por um elenco que quando fôr completamente revelado aos cinéfilos portugueses vai causar grande e justificada sensação.

Se António Lopes Ribeiro, Vasco Santana e Ribeirinho, os autores, souberam localizar sentimentos muito portugueses numa intriga profundamente alfacinha, Roberto de Araújo soube, compreendendo a alma lisboeta conceber um local de acção onde se respiram cantigas e namoros, cravos e bailaricos de Santo António. O seu pátio não é igual a nenhum mas lembra todos os típicos e castiços pátios lisboetas.

Mas não é só no exterior do «Pátio» que se vai passar a acção do filme. Dentro do estúdio da Tobis está construída a primeira série de cenários onde Leite Rosa, cenógrafo-decorador, e Silvino Vieira, assistente de Roberto de Araújo, fazem os últimos arranjos e retoques acabando com perfeição e mobilando com sabor. Será ainda nesta produção de António Lopes Ribeiro que se utilizarão simultâneamente com o *plateau* grande, um outro em que está instalada a aparelhagem de transparência aliás, cheia de tradições cinematográficas pois aí se filmou inteiramente a «Canção de Lisboa» nos tempos já recuados que, agora, com propriedade começamos a poder chamar «tempos heróicos do nosso Cinema...»

Dissemos atrás que o elenco de «O Pátio das Cantigas» era de molde a causar sensação entre o público, quando fôsse completamente revelado. Mas há mais para entusiasmar as platéias portuguesas. Quando a música do «Pátio das Cantigas» fôr ouvida vai correr de bôca em bôca e popularizar-se ràpidamente. Já há dias nos referimos ao Fado e à maneira como ia ser apresentado, sempre dentro do lema que preside ao «Pátio das Cantigas», de fazer «popular» mas de maneira nova. Não queremos, hoje, deixar de dar aos leitores, para fechar bem esta notícia, uma novidade sensacional. Maestro Florez, o famoso e inspirado compositor argentino, escreveu para «O Pátio das Cantigas» duas lindíssimas canções que vão correr de bôca em bôca: «Con las Glicínias...», um tango, digno de enfileirar ao lado dos melhores que escreveu para Carlos Gardel e «Manolita», canção mexicana. Será «Manolita», pela alma com que foi escrita e pelo apaixonado recorte da sua melodia, a grande canção romântica da época 1941-42.

A FEIRA DAS FITAS

QUADRO DE HONRA

No filme exibido em Lisboa na última semana, «ANIMATÓGRAFO» chama a atenção do público para o que nele merece atenção especial

«A CASA DAS SETE TÔRRES» (Filmes Alcântara)
— **A segurança e o facto da realização de JOE MAY, que defende muito bem um assunto difícil de impôr ao público.**
— **As interpretações de VINCENT PRICE (Clifford), MARGARET LINDSAY (Hepzibah) e MILES MANDER (Foster).**

«MELODIA DAS ESTRÊLAS» (Fox Filmes)
— **A magnífica categoria da encenação, dirigida por ARCHIE MAYO.**
— **O trabalho dos operadores LEON SHAMROY e PEVERELL MARLEY.**
— **As canções de MACK GORDON e HARRY WARREN.**
— **A interpretação de JACK OAKIE e as exibições dos IRMÃOS NICHOLAS e dos IRMÃOS WIERE.**

«LUA DE MEL EM ECLIPSE» (M. G. M.)
— **A história cinematográfica em que colaboraram nas suas diversas fases DOROTHY SAYERS, MURIEL BYRNE, MOUCKTON HOFFE, AUGUS MAC PHAIL e HAROLD GOLDMAN.**
— **O trabalho de TODOS os intérpretes.**

«XXX MÉDICO» (M. G. M.)
— **Complemento de NESBITT pela sua correcção cinematográfica, sóbrio sentimento humano e emoção.**

«Melodia das Estrêlas»

(The Great Broadcast of America)

«Sinfonias Modernas» («Alexander's Ragtime Band») inaugurou na 20 th Century-Fox uma tradição e uma série — a tradição e a série de filmes em que o desenvolvimento de certas actividades actuais é exaltado e historiado. Primeiro, a música *swing*, que voltou a ser o tema de «A vida é uma canção» («Tin Pan Alley»); depois a cinematografia em «Assim nasceu o cinema» («Hollywood Cavalcade»); e agora a rádio, neste filme interessante, bem feito, muito agradável de ver.

O argumento conta como a radiodifusão foi crescendo, no seu aspecto comercial, desde o tempo em que um maníaco do «sem-fios» sente orgulho em emitir música entre dois aposentos do mesmo prédio, até à inauguração de *Great Broadcast of America* — a primeira emissão radiofónica para todos os Estados da União, simultâneamente. Os passos principais dessa marcha vitoriosa foram dados no filme com enorme felicidade: primeiro, a emissão sôbre o telhado, numa noite de chuva; depois a transmissão do combate de box em que Dempsey ganhou o título de campeão do mundo; a seguir o aparecimento da publicidade radiofónica; e finalmente a inauguração das emissões para todos os Estados Unidos.

A realização do filme, dirigida por Archie Mayo, é excelente. A abertura dispõe logo o melhor possível, pois a cena de pancadaria no aeródromo, com que começa o filme, foi magnìficamente marcada e representada. Merece referência a forma como foi intercalado no filme o documento autêntico do *match* Dempsey-Willard, realizado em 1920 ou 21; houve o cuidado de adaptar a fotografia do filme de maneira a preparar o aparecimento dessa vetusta «actualidade», cuja qualidade fotográfica é muito inferior, como é óbvio, à que hoje normalmente se obtém. Todo o trabalho dos operadores — os competentíssimos Leon Shamroy e Peverell Marley — é aliás esplêndido.

Mack Gordon e Harry Warren escreveram algumas belas canescreveram algumas belas canções, em que brilham Alice Faye, Jack Oakie, John Payne, James Newill, e o grupo «The Four Ink Spots »— «as quatro gôtas de tinta».

O filme é também valorizado pela actuação dos Irmãos Nicholas, a famosa parelha da «Sinfonia dos Trópicos», e de um novo trio, o dos Irmãos Wiere, artistas cómicos cheios de fantasia. Todo o aspecto musical da encenação é de grande classe, como acontece sempre que é dirigido por Alfred Newman.

Na interpretação brilha sobretudo o extraordinário actor que é Jack Oakie. Alice Faye teve pouco que fazer, mas John Payne pôde de novo mostrar que possui óptimas qualidades. Nos papéis secundários Cesar Romero e Mary Beth Hughes.

Não quero terminar sem assinalar os melhoramentos importantes introduzidos pelo Tivoli na sua sala — já que tantas vezes se aludiu aqui às deficiências que prejudicaram os seus espectáculos na última temporada. Não podemos assim deixar de nos congratular com o aumento do *écran*, que ficou agora com proporções satisfatórias, e com as beneficiações da projecção. Parabéns ao Tivoli e parabéns ao seu público. — D. M.

«Lua de Mel em Eclipse»

(«Haunted Honeymoon»)

Fomos muito agradàvelmente surpreendidos quando, ao começarem a correr as legendas dêste filme, deparámos com o nome de Dorothy Sayers. Autora de novelas, romances e peças teatrais cheias do melhor bom humor inglês Dorothy Sayers é uma grande especialista de assuntos policiais que trata com extraordinário interêsse e uma infinita graça, manobrando o leitor a seu bel-prazer levando-o a fixar a sua atenção num acontecimento futuro aguardado anciosamente (que geralmente nunca se passa) enquanto constantes surprêsas e «sustos» desconcertam e entusiasmam o leitor detective.

Para protagonista da maioria das suas obras arranjou Dorothy Sayers uma figura capaz de lhe dar tôdas as reacções e de conduzir o seu humorismo através da acção — «Lord Peter» personagem que se tornou das mais célebres da moderna literatura policial.

Pois é precisamente uma das aventuras de «Lord Peter», como sempre acompanhado pelo criado «Bunter», e desta vez, também, duma figura nova para nós, a espôsa, que nos conta a fita agora estreada.

Fita de circunstância, fita de guerra, realizada nos estúdios ingleses, na época dos mais implacáveis bombardeamentos «Lua de Mel em Eclipse» não é uma grande produção, evidentemente. Tem, até, deficiências técnicas, falta de apuro em muitos pormenores da decoração, e fotografia deficiente. Mas tem uma planificação correcta, tem o espírito de Dorothy Sayers acima de tudo, uma correctíssima interpretação desde as primeiras figuras até à mais fugidia rábula, coisa em que aliás timbram as produções saídas dos estúdios ingleses.

Robert Montgomery que quando passou por Lisboa a caminho de Londres ia, exactamente, interpretar esta película e «O Conde de Chicago» é, como sempre um galã extraordinário, um assombro de sobriedade, de personalidade e de humor.

Constance Cummings acompanha-o muito bem e com a mesma simplicidade de processos e a mesma segurança e rigor de pormenor com que trabalham Seymour Hicks, o criado «Bunter», Leslie Banks em «Kirk», Robert Newton «Crutchey», Goorgie Withers, «Poly», Frank Pettingell, «Puffett» e todos os outros.

Entre os bons complementos dêste programa queremos salientar pelo seu valor humano e cinematográfico o «short» do grande especialista Nesbitt: «XXX Médico». Síntese rápida e fulgurante duma magnífica ideia, é notável como nos emociona, sobretudo no momento em que o médico, pelo microfone, assiste moralmente à doente que vai ser operada, segundo as suas indicações.

Uma referência que muito nos apraz fazer: a projecção da sala onde se exibiu êste programa apresentou-se, para continuar aliás, uma bela tradição, correctíssima de afinação. — F. G.

«A Casa das Sete Tôrres»

(The House of the Seven Gables)

Nathaniel Hawthorne, autor do romance donde extraíram êste filme, foi uma espécie de Camilo Castelo Branco americano, nos processos, nos temas que tratou, na popularidade que ainda hoje disfruta.

Não é a primeira vez que o cinema vai buscar inspiração à sua obra. Lembro apenas «A Mulher Marcada», filme de Victor Sjöstrom realizado em plena época áurea do cinema silencioso, com Lilian Gish, Lars Hansen e Karl Dane nos principais papéis.

«The House of the Seven Gables», na adaptação de Harold Greene e segundo o arranjo cinematográfico de Lester Cole, oferece larga cópia de matéria dramática, talvez não muito requintada, mas de fácil acesso às preferências do grande público. A história trágica, violenta e movimentada da família Pyncheon interessa vivamente a platéia — especialmente porque souberam contá-la com habilidade e tacto suficientes para atenuar os seus cordelinhos e excessos românticos e romanescos, que poderiam preju-

(Continua na pág. 12)

Títulos ilustrados



«Lua de Mel em Eclipse»

A personalidade dum realizador

(*Conclusão da página 6*)

observador, ou dedicadas a espíritos priveligiados.

Não são teses que se vão defendendo em tiradas de profunda filosofia.

São casos contados com verdade, nos seus ambientes apropriados.

A grandeza da ideia não enche a simplicidade da exposição.

Se é certo que Wyler brinca com os mais fortes temas, atirando-os para o «écran» em rajadas de talento, a forma da descrição é simples, humana e moral.

William Wyler não descreve para as multidões, mas pode ser comprendido e interpretado por elas.

Será um nome respeitado por todos, desejado por muitos, e consistirá sempre um êxito cada filme seu que se exibir, no dia em que a propaganda cinematográfica fôr orientada pelo único caminho que a pode dignificar — o da verdade artística.

E essa verdade artística, que muitos se obstinam em não acreditar como factor de transcendente importância para o futuro do cinema em Portugal, será em breve forçosamente imposta.

Os erros que obrigaram o teatro a cair na crise que atravessa, não se repetirá no cinema.

Não o querem os cinéfilos de hoje, não o consentirá essa falange de adeptos novos que ideais elevados engrandecem; como, e acima de tudo, o não permitirá a própria evolução artística do cinema, forte de mais para poder ser ofuscada pelos interêsses pessoais de quem quer que seja.

SILVA BRANDÃO

FEIRA DAS FITAS

(*Conclusão da página 11*)

dicá-la aos olhos dos espectadores do nosso tempo.

Essa habilidade e êsse tacto não se manifesta apenas na forma de contar a história, mas também na encenação do filme. Dirigiu-a Joe May, o conhecido realizador alemão actualmente em Hollywood. A sua realização tem a mesma segurança das que empreendeu nos estúdios de Berlim — mas nela não se encontra nenhuma das características que marcavam a personalidade do autor do «Asfalto». Fritz Lang soube adaptar-se aos processos americanos, mas Joe May foi completamente absorvido por Hollywood, ao ponto da sua encenação se parecer, como um ôvo com outro ôvo, com qualquer encenação corrente de qualquer realizador «yankee».

Todos os naipes da encenação cumpriram honestamente o seu papel, desdé a fotografia (de Milton Krasner) às decorações (de Jack Otterson, Richard H. Riedel e R. A. Gausman), desde o acompanhamento musical (escrito por Frank Skinner e dirigido por Charles Previn) à interpretação. O conjunto de artistas reünido neste filme sai-se muito satisfatòriamente da sua missão, distinguindo-se em especial Vincent Price e Margaret Lindsay. George Sanders faz mais uma figura antipática, à sua maneira. Em papéis secundários destacam-se Dick Foran (Mathew Maule), Nan Grey (Phoebe) e Miles Mander (Deacon Foster). — D. M.

"A Grã-Bretanha em guerra"

O Cinema é indiscutivelmente, uma das mais poderosas armas de propaganda.

Conhecedores dêsse facto, procuram os dirigentes dos vários países fazer a propaganda das suas paisagens, dos seus costumes, do seu comércio e dos seus ideais políticos, utilizando o Cinema como instrumento de influência directa. São exemplos flagrantes os inúmeros filmes, que, desde muito antes da guerra actual, são apresentados em todo o mundo, com intuitos de confirmar, cativar ou converter. Alguns mesmo são notáveis. Colocamos em primeiro lugar os documentários de longa metragem, que representam, a par dos seus intuitos políticos, um esfôrço cinematográfico notável.

Não é o caso de «A Grã-Bretanha em Guerra», colectânea apressada de pequenos documentários, ligados uns aos outros com bastante arbitrariedade, o que denota mero oportunismo especulativo. Alguns dêsse documentários, nem sequer são inéditos, não constituindo de nenhum modo um espectáculo — único ponto de vista que neste lugar nos interessa. — J. M.

CARTAS DUM CINÉFILO

Entusiástico director:

Sim, senhor, parabens. Eu cá conforme digo uma coisa também digo outra. Lá fui ao Eden na noite da estreia ver o «Pai Tirano» e confesso que gostei. Para começar não está nada mau e é com sinceridade que eu declaro isto, pois o meu director sabe muito bem quanto eu sou exigente. Para me agradar é porque aquilo é de facto obra aceitável. Tem senões, que eu lhe hei-de apontar para que nas próximas fitas os corrija, tanto mais que a sua produção promete ser vasta. Vai fazer a seguir o «Pátio das Cantigas» e já anuncia, para depois, uma fita de capa e espada e logo outra de capa e batina.

Não há direito é que o empresário do Eden lhe tenha quebrado o ritmo da exibição com o malfadado intervalo. Não está certo. Andou o senhor a dizer que era preciso acabar com o intervalo e nem ao menos quando se exibe um filme seu êles o suprimem. São duma fôrça. Estou convencido que o senhor não sabia, se não certamente que não consentia.

Por hoje faço-lhe uma apreciação geral do filme, mas vou analizá-lo por partes e indicar-lhe como deve fazer nas próximas, pois eu acho que esta é que deve ser a verdadeira missão do critico.

Como já lhe disse em conjunto o «Pai Tirano» é bom. Vê-se que o sr. tem algumas luzes de cinema e percebe alguma coisa disso. Precisa, portanto, de continuar. O que tem é que chamar para o seu lado bons colaboradores. Eu, por exemplo. Posso-me apresentar para ser seu assistente no «Pátio das Cantigas»?

O meu pai também já foi ver o seu «Pai Tirano». Não sei se gostou ou não porque comigo evita falar em cinema porque êle sabe muito bem que não leva a melhor, quem leva sempre sou eu. Mas quando chegou a casa a minha mãe preguntou-lhe se sempre ia tomar satisfações ao sr. e o meu pai disse que não era caso para tanto. Não percebi se era sôbre a história não ser piada a êle, ou se era sôbre a sua realização.

Já vi a fita duas vezes e vou vê-la outra vez, pois só quero fazer a minha apreciação depois de a ter visto a meu modo.

Uma coisa desde já lhe digo: a prova foi boa. Continui. Está no Lumiar da sua carreira, deve prosseguir.

Adeus, até para a semana e cumprimentos aos seus

Ignácio da Purificação

PANORÂMICA

(*Conclusão da página 5*)

crever com regularidade sôbre cinema no semanário «Kino». Escreveu depois no «Bandarra», na primeira série de «Animatógrafo», etc. Hoje, é crítico cinematográfico do «Animatógrafo» e da «Acção», onde as suas crónicas semanais são lidas com assiduïdade e proveito por milhares de leitores.

«O PAI TIRANO» E A IMPRENSA

Na impossibilidade de agradecer pessoalmente a tôdas as pessoas que lhe enviaram telegramas, cartas e bilhetes de parabens por ocasião da estreia do primeiro filme de sua produção, pede-nos o nosso Director que agradeçamos dêste lugar a todos êsses amigos e desconhecidos que tão gentilmente o felicitaram.

Agradecimento muito especial pediu ainda que fizessemos à Imprensa portuguesa, brasileira e espanhola, pelas referências que tão generosamente fizeram à sua iniciativa e à primeira obra que dela nasceu.

«TAÇA DO ANIMATÓGRAFO 1941»

A semelhança do que fez no ano anterior, «Animatógrafo» prepara desde já a atribuïção da «Taça do Animatógrafo 1941» destinada ao melhor filme estrangeiro apresentado entre 1 de Janeiro e 31 de Dezembro dêste ano.

Tão grande é o interêsse despertado no meio dos distribuïdores por êste alto galardão, que no seu primeiro ano foi atribuïdo numa festa inesquecivel, que alguns dêles vão apresentar até Dezembro alguns dos seus melhores filmes, para aumentarem assim as suas probabilidades.

Com isso, que é muito de louvar, ganhará o público — e o interêsse do Concurso.

A TERCEIRA FESTA DO CLUBE

Não tardará que se realize a terceira festa do «Clube do Animatógrafo», com um programa sensacional. Muito pròximamente publicaremos pormenores.

NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

Joseph von Sternberg vai dirigir **Gene Tierney** e **Victor Mature** no filme **«Shanghai Gesture»** para a U. A.

Joseph Von Sternberg, depois dessas suas obras maravilhosas que eram «Vidas Tenebrosas» e «Docas de Nova York», e do êxito estrondoso do seu «Anjo Azul», um filme de envergadura que tivera a particularidade de lançar para o primeiro plano uma actriz que permanecera até então na completa ignorância do público — quási seria inútil apontar o nome de Marlene, de cuja carreira êle depois participaria de forma quási constante — manteve durante muitos anos um dos mais destacados lugares do cinema americano, tornando-se igualmente uma figura de primacial importância no cinema mundial.

Contudo, de há alguns anos para cá a sua estrêla parecia ter empalidecido, pois o seu nome não era visto animar a realização de filmes. Já lá vão mesmo dois anos durante os quais Von Sternberg não se sentou sequer numa cadeira de realizador em qualquer estúdio de Hollywood.

Agora, no entanto, o tempo da inactividade forçada parece ter terminado. De facto, segundo notícias da Califórnia, sabe-se que êle assinou com o produtor europeu Arnold Pressburger, fazendo parte do Grupo da United Artists, um contrato. O primeiro filme dessa combinação intitula-se «Shanghai Gesture», e é tirado da peça de igual título de John Colton A. James M. Cain, que é o autor do famoso «The Postman Always Ring Twice», uma obra que nenhuma companhia americana teve coragem de transpor para o cinema, mas de que em França, pouco antes da Guerra foi feito um filme com Fernand Gravey e Corinne Luchaire por protagonistas, foi entregue a tarefa de escrever o «scenario» do filme, que será realizado nos estúdios de Hal Roach, e para o qual foram atribuídas grandes possibilidades financeiras a par dos melhores elementos técnicos.

A importância que o produtor procura dar ao filme é-nos indicada desde já pelos nomes que o vão interpretar. De acôrdo com a Fox Pressburger terá como primeira figura feminina Gene Turney, uma das «top manes» do elenco actual dos estúdios de Movietone City, Victor Mature, actor que a época passada apareceu nos écrans portugueses em «Capitão Invencível», presentemente um dos actores americanos mais populares no seu país tanto no cinema como no teatro; Gale Sondergaard, a notável actriz de composição deve interpretar também um dos primeiros papéis do filme que marca a volta, em condições excepcionais, do homem que dirigiu «Marrocos».



Joseph Von Sternberg

"Flashes"

● *HELEN Gilbert, que vimos em «Florian» e «O Segredo do Dr. Kildare, deixou a M. G. M. e assinou com a Paramount um contrato de longa duração. Helen, antes de aparever na tela fazia parte da orquestra dos estúdios daquela primeira companhia.*

● *BETTY Compson e Jack Mulhal, duas vedetas famosas do tempo do mudo, aparecem em «The Phantom Killer», um filme da Monogram.*

● *ANATOLE Litvak, que foi o realizador de vários filmes alemães, e que há alguns anos se encontra em Hollywood, em virtude do êxito alcançado por «Out of the Fog» o seu último filme assinou novo contrato com a Warner Bros.*

● *O DR. PEDRO Calmon, figura de primeiro plano da intelectualidade brasileira que se encontra nos Estados Unidos em viagem de propaganda do seu país, foi homenageado nos estúdios da RKO-Radio quando da sua visita a Hollywood.*

● *SCATTERGOOD ON BROADWAY, com Guy Kibbee, Villian Henry, Mildred Coles, Frank Jenks, Joyce Compton e Bradly Page. Direcção de Christy Cabanne. Fotografia de Jack Mac Kenfie. R K O Rádio.*

● *AS SEQÜÊNCIAS do filme de Walt Disney «The Reluctant-Dragon) em que entraram os artistas Robert Benchley e Frances Gifford, foram dirigidos não por Disney mas sim pelo realizador Alfred Werker.*

● *SUE Carol, estrêla da Fox de há doze anos, intérprete de numerosas comédias daquela emprêsa, tem hoje em Hollywood um escritório de colocação de artistas.*

● *CHARLES Boyer voltou do Canadá onde foi realizar uma série de conferências de propaganda francesa.*

● *COM a entrada definitiva de Fritz Lang na Fox, ficam trabalhando em exclusivo para aquela emprêsa nove realizadores: Irving Cummings, que ali trabalha há cêrca de doze anos. Otto Brower, Henry King, Walter Lang, Rouben Mamoulian, Archie Mayo, Irving Pichel e Jean Renoir.*

O novo filme de Gloria Jean para a Universal intitula-se «The creat man»

Aos admiradores da pequena Gloria Jean, que esta época veremos em um outro filme, é destinada especialmente esta notícia. A actrizinha e cantora de inegável mérito iniciou agora um novo filme para a Universal o qual tem por título «The Great Man» e é dirigido pelo realizador Edward Cline. Nesse filme Gloria Jean é rodeada dum núcleo de óptimos artistas, que o público muito bem conhece. Entre êles estão os nomes de W. C. Fields, o grande cómico, de graça tão pessoal, usando por vezes de processos desnorteantes, por Leon Errol, outro comediante de valia, por Anne Nagel, Mona Barrie, Franklin Pangborn, Susan Miller, Claude Allister, Beatrice Roberts e Nell O'Day. A fotografia do filme é assinada por Charles Van Enger.

Lucille Ball vai ser a vedeta do novo filme da RKO **«Passage to Bordeaux»**

Lucille Ball, a simpática vedeta da RKO-Rádio cuja actividade no cinema está sendo últimamente bastante intensa, terminou há pouco o filme «Look Who's Laughing» de que Edgar Bergen e o seu inseparável boneco Charlie Mc Carthy, e Neil Hamilton, que voltara ao cinema, eram os seus principais parceiros.

Como justa compensação dos seus trabalhos, que tão grande popularidade lhe têm trazido, sobretudo o êxito clamoroso que nos Estados Unidos alcançou o filme produzido por Harold Lloyd «Gente alegre» exibido entre nós a época passada, os dirigentes da emprêsa de Gower Street vão dar-lhe como prémio um magnífico papel numa das suas próximas produções. Êsse filme, feito segundo um argumento original de Budd Schulberg intitula-se «Passage to Bordeaux».

Neste filme, em que actuará com categoria de vedeta, Lucille Ball viverá a figura duma jovem corista americana actuando em Paris e que na altura da invasão alemã procura a todo o transe embarcar para o seu país. Robert Stevenson, cujo recente trabalho directorial em «Back Street», com Charles Boyer e Margaret Sullavan foi unânimemente festejado, será o realizador de «Passagem para Bordeus».

Lupe Velez e **John Barrymore** e o chefe de orquestra **Kay Kyser** são os protagonistas de **«Playmates»**

Kay Kyser é um chefe de orquestra ligeira muito popular em tôda a América pelo tom de jovialidade, de alegria e de espirituosa boa disposição que o caracterizam e aos engraçados elementos que compõem a sua orquestra uma espécie de Ray Ventura americano.

O seu êxito seguro junto do público é a razão da sua actividade cinematográfica, tendo participado já em variados filmes que a RKO-Radio, que o tem sob contrato, tem produzido e de que vimos a época passada um no Coliseu.

Pois é o protagonista dum novo filme, «Playmates» que para aquela companhia está agora interpretando sob a direcção do encenador David Butler. Com êle aparecem também Lupe Velez, John Barrymore, Patsy Kelly, a notável May Robson, Peter Lind Hages e Ginny Simms.

«**Shadow of thin man**» é o título do novo filme de **William Powell** e **Mirna Loy** para a M. G. M. que será dirigido por **Van Dyke**

As aventuras de Nick e espôsa, detectives amadores cujas proezas têm sido já o assunto de variados filmes desde o famoso «Homem Sombra», seguramente o mais emocionante e o mais brilhante de tôda a série, ainda não cansaram o público. É disso testemunha o facto da Metro Goldwyn Mayer prosseguir nas produções da série bem conhecida.

Novas aventuras doméstico-policiais que os argumentistas se comprazem em engendrar para Que William Powell e Myrna Loy possam luzir o seu talento de magníficos comediantes, são o assunto do seu novo filme, cuja realização foi há pouco iniciada. Intitula-se «Shadow of Thin Man», título que se poderia talvez traduzir em português pela «Sombra do Homem Sombra», e é interpretado também por Donna Reed, Robert Nilson e Richard Hall, nomes novos, que começam por assim dizer a sua carreira cinematográfica ao lado de Myrna e Powell.

W. S. Van Dyke é o homem a quem foi confiada a responsabilidade de direcção do filme, que terá fotografia do abalisado operador William Daniels.

Van Dyke acabou recentemente de dirigir o filme de Rosalind Russell, «Female of the Species», como anunciámos oportunamente.

O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

1189 — HEBE (*A ver o Mar*). Tenho um enorme desejo de ver *Lady Hamilton*, pelas fotos maravilhosas que dela tenho visto. É, sem dúvida, uma das maiores artistas da hora que passa. Alguém que viu *Waterloo Bridge* disse-me que, neste filme, ela tem uma criação gigantesca. E falaram-me dessa película em têrmos tais, que não resisto em recomendar-ta, uma vez que a pessoa citada me merece o melhor crédito. — Muito graciosos os teus comentários ao assunto em que se debateu a questão da competência. Talvez tenhas razão. Mas *teòricamente* está certo. — Descobri que não tenho «mundo íntimo»: nunca fui capaz, dentro do combóio do Estoril, de me convencer que ia no «transiberiano»... — Não resisto a transcrever o teu comentário: «aquele *Pôrto de Abrigo* era capaz de arrancar tôdas as graças a uma pessoa, incluindo a própria Graça de Deus». — De mim, para mim: cada vez tenho mais fé na Crawford!

1190 — PRINCESA DA SELVA (*Lisboa*). — Com que então não «desgostaste» de *Mulheres?!* Doeu-te muito?! «Sob o ponto de vista americano, deve estar certo...» Mas há tantos «especimes» portugueses iguaisinhos àquele... No entanto, a tua observação está certa. A mulher portuguesa tem uma formação moral superior à americana. — Transmito a *Dinhamá* as tuas saudações efusivas.

1191 — MYRNA (*Praia da Rocha*). — É apenas para te agradecer o teu postal. Obrigado.

1192 — REY... SEM TRONO. — Ignoro se Maria Andergast deixou ou não o cinema. No entanto quero crer que não. Depois de *Pôrto de Abrigo* estavamos precisados, de facto, dum filme bem feito como o *Pai Tirano*.

1193 — MARILIA (*Lisboa*). — Gosto muito que me escrevam, mas não das aulas... E isto por vários motivos, entre os quais de que não gosto de saber que foram castigadas por minha causa... — Transmito a *Ás de Copas* a impossibilidade que me dizes haver no que respeita à troca de correspondência com êle.

1194 — PRICESA ARANY. — Tenho a maior alegria em incluir-te no número das mais assíduas das minhas consulentes. É mais uma Princesa no extenso rol das minhas correspondentes coroadas... — Para obteres uma foto de Deanna Durbin é *indispensável* enviar dinheiro. De contrário nada feito. Qualquer Banco te informará qual a forma mais prática. De momento não sei se será fácil. Escreve em português. O resultado é o mesmo. — Que eu saiba Gustavo Froëlich continua a filmar. — E fico aguardando novas cartas tuas.

1195 — OUBLI (*Penafiel*). — Estou certo de que a Graça Maria já te enviou a foto ambicionada. De contrário, a razão é só uma: Não a recebeu! — Escreve a Imperio Argentina ou a qualquer outra vedeta espanhola, ao cuidado de Arias Vaz, «Primer Plano», Plaza del Rey, 2, Madrid.

1196 — HILMA. — Nem por sombras suponho que pelo facto de estares na Província, tenhas deixado de ver os grandes filmes. De resto, eu não considero as minhas leitoras provincianas, sob qualquer aspecto, em pé de desigualdade ou inferioridade, com as citadinas. — Henry Fonda sendo um espantoso artista, dos grandes da tela, é pouco popular e pouco simpático. Daí o desinterêsse que os outros manifestam por êle. Dessas ingratidões, está o inferno cheio...

1197 — CAVALEIRO DE RAGASTEUS (*Lamego*)). — Passarias a ser «Grande Cavaleiro» se escrevesses menos em cada postal. Tenho que lançar mão da lupa para os ler! — A Alice Faye é americana. A Annabella, francesa. — Leitão de Barros está a realizar *Ala, Arriba!*. A hipótese da *Maria da Fonte* foi adiada.

1198 — I LOVE SHIRLEY TEMPLE (*Coimbra*). — Obrigado pelas «letras» das canções que me enviaste. Uma já foi publicada na nossa revista.

1199 — ARMANDO DA COSTA DIAS. — Podes escrever a Ann Rutherford para a Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia.

1200 — TYRONE POWER (*Ermezinde*). — Graça Maria envia fotos aos seus admiradores. Escreve-lhe por intermédio de *Animatógrafo*. — Os últimos filmes da Família Hardy são: *Andy Hardy meets a Debutante* (Prosápias de Andy Hardy) e *Handy Hardy Private's secretary* (A secretária de Andy Hardy). Serão ambos exibidos êste ano.

1201 — I LOVE LYDIA (*Pôrto*). — Eu quanto ao fado tenho uma opinião muito minha: nem com môlho de tomate! No entanto admito perfeitamente que tu e outros gostem. E nem sequer pretendo insinuar que seja eu que tenha razão...

1202 — SCARLET. — Viva, Scarlet! Há quanto tempo não aparecia uma carta tua! — Tomo nota de que estás disposta a cartear-te com *Rey... sem trono*, desde que êle seja o primeiro a escrever-te. Ficarei com a tua morada fechada a sete chaves... Sou um pôço sem fundo. — Esta gentilíssima leitora declara-se sensibilizada com as saudações de *Bob Taylor*, tanto mais que o seu artista favorito é aquele cujo nome inspirou o pseudónimo do leitor que a saudou. (*Êste final parece uma cega rega...*)!

1203 — MR. SMITH. — (*Pôrto*). — Quási às portas do Natal de 1941, referes-te a uma carta que me escreveste no Natal de 1940. Decididamente, a minha memória não é má, mas não dá para tanto!... — Transmito as tuas saudações a *Scarlet*, *Ninon* e *Moreninha Insinuante*. — Muito pitoresca a crítica que me mandaste. Pena é que o recorte esteja feito de forma a não revelar a assinatura.

1204 — LOVE SICK. — Folgo que tenhas descoberto o paradeiro da nossa ex-consulente *Uma loira qpe nunca amou*. Como vês, eu tenho razão. Logo que desmentiu o pseudónimo, fugiu do nosso grupo. Oxalá seja muito feliz. — Pessoalmente, embora reconhecendo o seu valor, não simpatiso com o Don Ameche. — Saúdo, por ti, conforme pedes *Princesa dos Diabretes*.

1205 — AMO DEANNA DURBIN (*Pôrto*). — Gostei muito de ler a tua carta. O que dizes do cinema é bem verdade. Êle não é só o ópio do espírito, mas o único espectáculo que nivela as nossas platéias à altura das mais exigentes platéias estrangeiras. Os filmes que assombram Nova York, Londres, Paris, Berlim e tôdas as outras capitais são os mesmíssimos que Lisboa, o Pôrto e a mais recondita vila da Província vêem. Se não fôsse o cinema, nós estavamos socialmente mais atrazados. Por intermédio do cinema, do cinema bom, digno, grande e Humano, nós recebemos um tonificante banho de civilização.

1206 — DEANNÓFILO (*Pôrto*). — Escreve à Carmen Miranda para 20th Century-Fox Studios, Box 900, Hollywood, Califórnia. — Ignoro quando se estreará em Portugal o filme *Brother Orchid*.

1207 — BENJAMINA (*Serra da Estrêla*). — O pseudónimo é o homem! Neste caso a mulher! Por isso não me atrevo a mudá-lo. É sempre muito grave mudar a tabuleta dum estabelecimento, quanto êle está acreditado. E a tabuleta «Benjamina» tem um «cartel» formidável. — Como te tens dado aí pela Serra? Repara que a época cinematográfica já abriu. A Miquelina já por cá anda «doidinha» à procura dos galãs nas platéias do cinema... — Transmiti os teus cumprimentos à pessoa a quem os endereçastes. — Registo a tua afirmação: «O Cinema pode desempenhar uma altíssima missão: fazer entrar pelos olhos o *Bem* que não entra pela inteligência... Ver, ver ver...» Bravo, Benjamina! Os ares da Serra têm feito muito bem a essa cabecinha!

1208 — MAGARI (?). — Será assim o teu pseudónimo?! Fiquei sem perceber se se escreveria assim ou *Luagari*. Qualquer dêles é muito estranho... — Não tenho a menor ideia de ter recebido a carta que me dizes com êste pseudónimo. E daí pode ser que sim e até que já te houvesse respondido. — Êste ano tens muitos filmes com o Laurence Olivier, entre os quais o célebre *That Hamilton Woman*, onde êle contracena com sua mulher Vivian Leigh. — Charles Boyer: Paramount, Hollywood, Califórnia.

Bel-Tenebroso

IMAGENS INÉDITAS DO CINEMA PORTUGUÊS

1

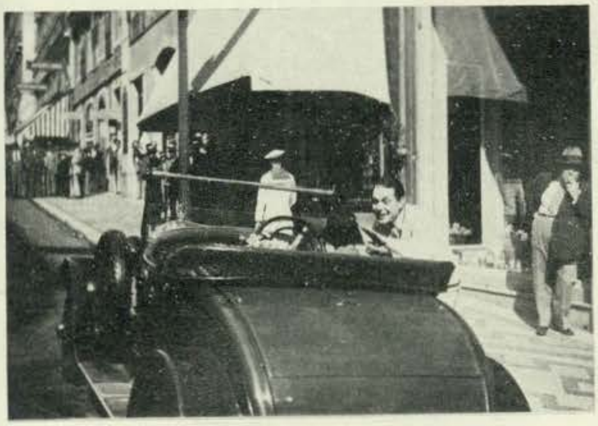
«ANIMATÓGRAFO» desencantou nos seus arquivos estas «históricas» fotografias de trabalh



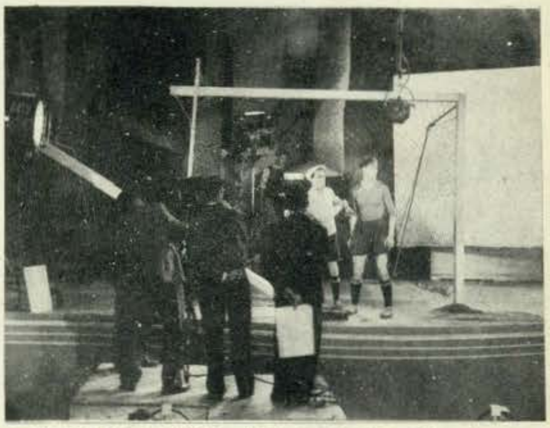
«A MENINA ENDIABRADA» (1929) — A bordo dum barco de recreio, António Lopes Ribeiro dirige artistas pela primeira vez, com um mègafone de tamanho sobrenatural. O operador é Manuel Luiz Vieira; os artistas são Irene Isidro e Arthur Duarte. Por trás de A. L. R., o dr. Félix Ribeiro



Em Monserrate, Irene Isidro e Arthur Duarte representam diante da câmara, para o mesmo filme. À esquerda de A. L. R., está Jorge Brum do Canto, que era então crítico cinematográfico de «O Século». De Lavalière ao pescoço e de Spido-Gaumont em punho, o jornalista António Lourenço



Em pleno Chiado, em frente do florista Lopes, onde é hoje uma camisaria, filma-se uma cena para «A Menina Endiabrada». Ao volante, de costas, a actriz alemã Dina Gralla contracena com Arthur Duarte. Encostado à montra, Vasco Santana, doze anos antes de ser «O Pai Tirano»



«O TREVO DE QUATRO FÔLHAS» (1936) — No palco em que Mafalda dançava armou-se meia baliza de «foot-ball». Chianca de Garcia dirige a filmagem dum grande plano de Nascimento Fernandes, guarda-redes improvisado. Chianca está de costas, à direita do operador





«BOCAGE» (1935) — Uma fotografia inédita (muito linda, por sinal) do desembarque dos marinheiros no Cais das Colunas. O sentido de composição de Leitão de Barros torna-se bem evidente neste documento. A perspectiva do pontão e as três figuras sentadas em primeiro plano são verdadeiros achados

Chianca de Garcia examina a planificação do «Trevo». Junto dêle, sentado, vê-se Jorge Brum do Canto, já então assistente de realização. De pé, à esquerda, o assistente de imagem Perdigão Queiroga

(CONTINUA)

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



Eis uma linda fotografia duma linda mulher: JOAN BENNETT, que vamos ver na nova temporada em dois grandes filmes da FOX

ÊSTE NÚMERO CONTÉM UM RETRATO-BRINDE: JANE WITHERS